

Considerações sobre a exogamia linguística no Noroeste Amazônico

Thiago Chacon (UCB)
Luís Cayón (UnB)

Resumo: Neste trabalho, revisamos a noção de exogamia linguística entre grupos indígenas que habitam o Noroeste Amazônico e falam línguas pertencentes às famílias linguísticas Tukáno, Arúak e Nadahup. Comparamos dois tipos de visões sobre a exogamia linguística: a visão canônica, que reforça a associação “língua-povo”, e a visão que propomos, que reconsidera o papel das línguas como um elemento condicionante e condicionado por padrões de organização social e cultural mais amplos. Concluimos que a noção de exogamia linguística é, em geral, sobrevalorizada ou mal definida em parte da literatura etnográfica e linguística da Região, devendo ser reconsiderada com base nos processos históricos socioculturais por que passaram os grupos étnicos na Região.

Palavras-chave: Exogamia linguística; organização social; Noroeste Amazônica; Línguas Tukáno; Línguas Arúak.

Abstract: *This work reviews the concept of linguistic exogamy as a practice among indigenous groups in the Northwestern Amazonia that speak languages related to the Tukanoan, Arawakan and Nadahup families. Two different views about linguistic exogamy are contrasted: the canonical view, which is based on the “one language-one people” perspective, and the view we propose, which considers the role of languages as an element that conditions and is conditioned by the broader sociocultural patterns in the region. It is concluded that linguistic exogamy is, in general, overly evaluated or misinterpreted in the ethnographic and linguistic literature in the region, which suggests its interpretation based on the sociocultural historical processes that the ethnic group in the region has undergone.*

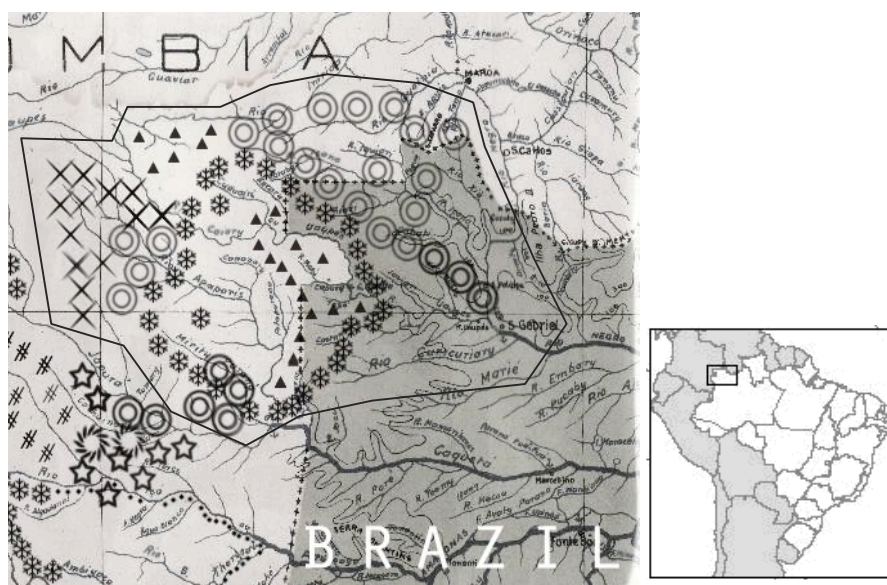
Keywords: *Linguistic Exogamy; social organization; Northwestern Amazonia; Tukanoan family; Arawakan family.*

Introdução

Este trabalho discute a exogamia linguística praticada por diferentes grupos indígenas no Noroeste Amazônico, uma área marcada por um alto grau de diversidade linguística. Por exogamia linguística referimos ao fato de que cada grupo étnico na Região tende a falar uma língua própria, e a organização social desses grupos proíbe casamentos dentro de um mesmo grupo étnico, o que implica em que a esposa e o marido formem um casal bilíngue. Nossa discussão se dará em torno do papel das línguas como elementos condicionantes e condicionados pela organização social da Região. Essa investigação faz

parte de um projeto de pesquisa interdisciplinar entre Linguística e Etnologia, desenvolvida com intuito de estudar a pré-história de grupos indígenas amazônicos¹.

O Noroeste Amazônico está situado nas regiões de fronteira entre o Brasil e a Colômbia, abarcando os grandes rios Iça (afluente do rio Solimões), Uaupés e Içana (afluentes do Rio Negro), e seus tributários. Compreende os Departamentos de Guaviare, Vaupés e Amazônia na Colômbia e o noroeste do estado do Amazonas no Brasil. Nosso foco se dá na área em que Sorensen (1967) chamou de área central do Noroeste Amazônico, região onde as línguas Tukáno Orientais estão localizadas, e a partir dessa área expandimos nossa consideração às línguas vizinhas pertencentes às famílias Arúak, Nadahúp e Kákua-Nukák. O mapa abaixo delimita a extensão linguística e espacial de nosso estudo:



Mapa 1: Delimitação da área de estudo no noroeste amazônico

A região central do Noroeste Amzônico pode ser inicialmente vista como multilíngue pelo número total de línguas existentes. São ao todo cerca de 29 línguas, das quais 13 são da família Tukáno, 7 da família Arúak, 4 da família Nadahúp, além do Kákua (família Kákua-Nukak), Karihóna (família Karíbe), Nheengatú (família Tupí-Guaraní), Português e Espanhol (família Românica). Como se vê além de multilíngue, essa região abriga ainda uma alta diversidade linguística filogenética, isto é, um alto número de famílias linguística, sete no total. Com o intuito de nos ajudar a perceber as continuidades e mudanças na longa duração da história da família Tukáno, apresentamos a classificação desta família na tabela a seguir (adaptado de CHACON, 2014):

¹ O projeto intitulado “Mudanças e continuidades na história de longa duração da família linguística tukáno” é financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

FAMÍLIA TUKÁNO	TUKÁNO ORIENTAL	Subgrupo Sul		<i>Tanimuka, Letuama, Yahuna</i>
		Subgrupo Oeste		<i>Makuna, Barasano, Kubeo, Desano, Siriano, Yupua</i>
		Subgrupo Leste	Ramo I	<i>Tukano, Bará, Tatuio</i>
			Ramo II	<i>Pisamira, Karapanã, Yuruti, Tuyuka, Piratapuya, Wanano</i>
	TUKÁNO OCIDENTAL	Subgrupo Sul		<i>Maihiiki</i>
		Subgrupo Norte		<i>Koreguahe, Sekoya, Siona</i>

Tabela 1: Classificação da Família Linguística Tukáno

O tema da exogamia linguística tem especial relevância para a etnografia dos grupos Tukáno Oriental, sobretudo, após trabalhos como os de Sorensen (1967), Jackson (1983), Chernela (1996) e Aikhenvald (2002), entre outros. No entanto, alguns antropólogos como Århem (2002), Hugh-Jones (2004) e Cayón (2013) sugerem que esta é sobrevalorizada e que a correspondência entre exogamia e identidade linguística não é tão importante quando vista à luz das definições locais dos grupos exogâmicos. Por isso é fundamental analisar a questão da perspectiva linguística.

Essas línguas não estão numa relação de proximidade geográfica apenas. Na verdade, elas são parte de um complexo sistema cultural. Considera-se que existe uma grande área cultural nessa Região, onde os diversos grupos compartilham características culturais bem gerais e, ao mesmo tempo, e que suas diferenças culturais existem dentro de uma lógica sistêmica e complementar (ver EPPS e STENZEL 2013). Os grupos da Região estão articulados entre si, com exceção talvez dos Nukák, por diferentes circuitos e redes de intercambio matrimonial, de objetos rituais e de cultura material. Compartilham de algumas características de organização social² (unidades exogâmicas patrilineares e segmentares organizadas hierarquicamente, residência patri/virilocal, terminologia de parentesco tipo dravidiana, a maloca como forma prototípica de assentamento, etc.), assim como do ciclo ritual baseado na utilização de flautas e trombetas sagradas durante a iniciação masculina, conhecidas como “jurupari” ou “flautas de Kuwai”. Da mesma forma, partilham segmentos de narrativas míticas e alguns fundamentos cosmológicos que estruturam e definem o uso do espaço comum do qual participam. Nesse contexto geral, a língua é um dos principais marcadores étnicos para vários grupos da Região – apesar de não ser o único e, talvez, também não o mais importante. De qualquer forma, as línguas

² A organização social dos grupos étnicos desta Região é um caso único na Etnologia amazônica.

possuem um valor destacado nesse sistema, de modo que o multilinguismo é também um dos elementos constitutivos dessa área cultural.

Esse artigo está dividido em 3 seções, além desta Introdução. Na seção 1, falaremos sobre a exogamia linguística em seu modelo canônico. Na seção 2, revisitamos a exogamia linguística sob novas perspectivas. A seção 3 apresenta a conclusão sobre os pontos levantados nas seções anteriores.

1. A exogamia linguística canônica

A expressão máxima da relação entre língua e identidade no Noroeste Amazônico foi classicamente definida por Sorensen (1967) para as línguas Tukáno Oriental. Ele analisa a língua como um elemento co-extensivo da associação de um indivíduo a uma linhagem patrilinear. Todo indivíduo, nessa Região, pertence a uma unidade de filiação patrilinear que está estruturada desde as famílias nucleares até um clã nomeado. Um conjunto de clãs formam uma unidade social mais ampla, a qual chamamos de *grupo étnico*. Os grupos étnicos também são nomeados, por exemplo, os Desáno, Tukáno, Pira-Tapuya, etc., os quais foram chamados de *tribos* por Sorensen³. Cada grupo étnico possui um ancestral mítico em comum, um território, uma língua, bens rituais, uma maloca particular de nascimento mítico, cultivos e conhecimentos xamânicos próprios, entre outros, assim como um conjunto de mitos e etnohistórias que são compartilhados entre os diferentes clãs. Um conjunto de grupos étnicos constitui uma fratria, não nomeada, a partir de ancestrais míticos relacionados por consanguinidade, e estão agrupados de forma hierárquica em ordem de senioridade (irmão mais velho, irmão mais novo, etc.⁴)

Sorensen (1967, assim como Brüzzi 1977) aponta que o denominador comum de um grupo étnico é que os indivíduos desse grupo não casam entre si, ou seja, cada grupo étnico é uma unidade exogâmica. Isso enquadra-se em uma visão mítica nativa em que os diferentes clãs do grupo possuem um ancestral em comum, fato que os coloca como “irmãos”. Um outro elemento apontado por Sorensen é o fato de cada grupo étnico ter sua língua própria. Por essa razão, as famílias nucleares são – pelo menos – bilíngues, pois

³ Os grupos são referidos como *tribo* na visão de Sorensen (1967), seguindo Goldman (1963). Jackson (1983) torna mais explícita a associação entre grupo social nomeado e língua ao cunhar o termo *language group* ‘grupo linguístico’ em substituição a *tribo*. Hugh-Jones (1979) evita insistir na associação entre grupo social e língua, adotando uma visão mais sociológica ao chama-los de *exogamous groups* (“grupos exogâmicos”).

⁴ Hierarquia de senioridade é um componente da organização social da Região que perpassa desde as relações de parentesco até a organização dos clãs e, até mesmo, na geopolítica entre diferentes grupos étnicos e ancestrais mitológicos.

esposo e esposa falam necessariamente línguas diferentes. É esse tipo de associação “língua-grupo étnico” que está na base da noção de *exogamia linguística*. Jackson (1983) aprofunda essa relação “uma língua – um povo” e reformula a ideia de *tribo* de Sorensen, para então se referir a *language group* (“grupo linguístico”) para a unidade social que neste artigo são chamados de grupo étnico.

Tendo em vista que além da filiação patrilinear os grupos da Região tem uma forma de residência patri/virilocal (isto é. as famílias nucleares vivem na localidade onde vive o pai da família ou no local de origem do marido), a língua de uma localidade onde vivem diversas famílias é a língua dos homens originários daquele lugar. Uma vez que essas famílias vivem em comunidades ou malocas com várias outras famílias, e que as esposas podem vir de diferentes grupos étnicos, a comunidade tende a ser multilíngue, contendo a língua dos homens locais, além das várias línguas que as esposas desses homens falam. Indivíduos crescendo, nesse ambiente social, aprendem mais do que duas línguas, pois além das línguas do pai e da mãe, aprendem línguas de suas tias e primos, de modo que Sorensen define a Região tendo como norma *sociedades multilíngues e indivíduos plurilíngues*⁵. No entanto, ainda que plurilíngues, os indivíduos tomam apenas uma língua como a língua própria de sua identidade, que é, necessariamente, a língua associada a sua unidade patrilinear.

O relativo grau de homogeneidade cultural entre os diversos grupos étnicos da Região possui um correlato linguístico interessante. Sorensen (1967) percebeu que as línguas da Região possuem vários elementos estruturais (categorias morfológicas e estruturas sintáticas) e estratégias discursivas semelhantes (isto é, maneiras de organizar as enunciações), porém com nítida variação no que tange a especificidades fonológicas e morfossintáticas entre as diversas línguas e dialetos.

Expandindo as ideias de Sorensen (1967), Aikhenvald (2002) inclui línguas Arúak dentro desse sistema complexo de línguas em contato. Segundo Aikhenvald (2002), a norma de associação “língua-grupo étnico” cria um sistema de equilíbrio nas trocas linguísticas, em que os falantes evitam misturar as diferentes línguas que falam. A ideologia linguística que subjaz a esse sistema, e que, segundo autora, seria o motor da exogamia linguística, é a manutenção ou até exacerbação das diferenças entre as línguas de modo que o sistema seguiria sua lógica canônica, relacionando patrilinearidade e exogamia

⁵ É uma convenção na sociolinguística destinar o termo *multilinguismo* para agrupamentos sociais e *plurilinguismo* para indivíduos (o mesmo que poliglota).

linguística. Por um lado, isso acarretaria em poucos empréstimos diretos de itens lexicais e morfológicos; por outro lado, esse sistema tenderia a produzir um efeito de convergência estrutural (isto é, quando as regras morfológicas, sintáticas e até fonológicas tendem a se tornar mais semelhantes), devido às trocas multilaterais entre os grupos sociais, onde as línguas se tornariam mais similares nos aspectos mais gerais de sua gramática e discurso. Crucial para a visão de Aikhenvald, é que, em equilíbrio, esse sistema opera de modo a manter a *exogamia social* a partir do princípio de *exogamia linguística*, onde a língua seria o elemento regulador.

Para Aikhenvald (2002), o sistema entra numa situação de desequilíbrio quando se evidencia uma ruptura no padrão de exogamia linguística canônica, seja quando um número maior de empréstimos diretos passa a ser identificado, e/ou quando ocorre um processo de deslocamento linguístico, isto é, quando um grupo étnico deixa de falar a sua língua para passar a falar a língua do grupo étnico de seus cunhados. Vários fatores podem ser atribuídos ao desequilíbrio nas relações sociolinguísticas na Região, sobretudo os que foram documentados historicamente, como a escravização massiva de certos grupos, a diáspora de grupos durante a época da borracha, a interferência de missões salesianas, entre outros fatos que produzem assimetria nas relações políticas locais entre diferentes grupos exogâmicos.

Aikhenvald (2002) documenta esse fenômeno para a língua Tariana (Arúak) que, nas últimas gerações, veio a sofrer forte influência da língua Tukáno, de maneira que hoje nas comunidades Tariano, praticamente, somente se fala o Tukáno⁶. Na visão de Aikhenvald, falar a língua das esposas é um problema, pois, no sistema de equilíbrio “ideal”, as pessoas que falam a mesma língua são tidas como irmãos dentro de uma unidade de filiação patrilinear. Isso, na verdade, não se sustenta, pois a noção de “irmão” (isto é, pertencimento a uma unidade de filiação) não está atada à língua, como veremos adiante.

2. Revendo a noção de exogamia linguística

Língua, Patrilinearidade e exogamia

A associação entre língua e filiação patrilinear, que seriam elementos definidores do grupo étnico para Sorensen (1967), merece ser vista com certo cuidado. Há diversos

⁶ Com exceção da comunidade de Santa Rosa.

fatores que demonstram que língua, filiação patrilinear e exogamia são dimensões distintas no sistema cultural que estamos analisando.

Primeiramente, há muitos casos de *clãs*, pertencentes originalmente a um grupo étnico, que foram incorporados a outros grupos étnicos por um processo que Goldman (1963) chamou de *fusão*, ou por mecanismos internos de associação e assimilação (CAYÓN, 2013). Esses clãs seriam de uma unidade de filiação patrilinear diferente dos clãs do grupo étnico a que foram incorporados, não sendo originalmente “irmãos” daqueles. É comum, nesses casos, que as narrativas de origem dos clãs apontem para fatos históricos ou mitológicos que também evidenciam essa origem ou divergência. O clã incorporado passa a fazer parte do sistema de hierarquia de senioridade do grupo étnico, sendo considerado um “irmão”, isto é, um grupo agnático⁷. Assim, num grupo étnico há clãs que um dia tiveram língua e filiação patrilinear diferentes, mas que hoje funcionam como um mesmo grupo social exogâmico.

Em segundo lugar, deslocamentos linguísticos como o ocorrido com os Tariana fazem com que grupos exogâmicos distintos, com etnohistórias próprias, estejam falando a mesma língua. Deslocamentos linguísticos podem ser vistos como resultado de uma assimetria nas relações locais entre grupos exogâmicos distintos. Cabalzar (2013:146) menciona o caso dos Tuyuka no alto rio Tiquié, em que os grupos Tuyuka, que possuem residência em área de forte influência do grupo Tukáno (mas não os localizados fora dessa área), sofreram um processo de deslocamento linguístico, passando a falar Tukáno antes de aderirem ao processo de afirmação da língua na última década. Similarmente, a língua dominante de boa parte dos homens Desano e Pira-Tapuya é o Tukáno. O mesmo vale para a língua Kubeo entre os grupos étnicos Yuruti e Pisamira. Já entre os Arapaso e Miriti-Tapuya, não há mais nenhum falante pleno de sua língua original aparentemente; são todos falantes de Tukáno na atualidade. No rio Apaporis, os Letuama falam a língua dos Tanimuka, de quem são afins preferenciais, de igual maneira ao que acontece entre os Yibá Masã (Barasana) e Makuna no rio Pirá-Paraná, e aos Bará e Tatuyo no rio Japú. No baixo Içana e Rio Negro, grupos Baniwa (Arúak) vieram falar Nheengatu (Tupi-Guaraní), assim como os Baré e Warekena (ambos Arúak), a língua de colonização da Região.

Os Makuna (ÅRHEM, 1981) e os Kubeo (CHACON, 2013) são importantes nesse aspecto, porque foram considerados como exceções no esquema geral da exogamia linguística predominante na Região. A língua Makuna é falada, pelo menos, por dois

⁷ Em outras ocasiões podem se iniciar relações de afinidade (CAYÓN, 2013).

grupos exogâmicos que, preferencialmente, se casam entre si: os Yibá Masã (Gente de Terra) e os Ide Masã (Gente de Água). Na literatura, ambos, tradicionalmente, têm-se considerados como um único grupo por causa da correspondência entre “língua e povo”. Mas, na verdade, cada um deles constitui um grupo étnico (CAYÓN, 2013). De fato, os Yibá Masa falam Makuna, mas são “irmãos” dos Barasana (que falam Barasana), e sua etnohistória é testemunha de que eles antes também falavam Barasana. Entre os Kubeo, houve um processo em que diferentes grupos Arúak deixaram de falar sua língua original e passaram a falar Kubeo. Ainda que falando a mesma língua, os falantes originais de Kubeo, e esses grupos originalmente falantes de língua Arúak, funcionam como grupos exogâmicos.

Em todos esses casos, os grupos que hoje falam a língua de seus “cunhados”, deixam bem claro que essa não é sua língua original, mas, sim, uma língua “emprestada” (como se diz correntemente no Português da Região). Isso demonstra que o princípio geral de exogamia e a ideologia patrilinear persistem mesmo em casos de grupos que falam hoje a mesma língua.

Sorensen (1967) já havia notado que as línguas não são de fato o elemento definidor de um grupo exogâmico. Isso porque os padrões de casamentos não são definidos tendo como base apenas o grupo étnico, mas, sim, a *fratria*, unidade social não nomeada que engloba diferentes grupos étnicos, que não pode estar associada em relações de casamentos entre si. Numa mesma *fratria*, podem existir diferentes línguas, tal como vemos nas *fratrias* formadas por Tukáno e Bará, ou Desáno e Tuyuka, ou Makuna e Letuama, entre outros (ver GOMEZ-IMBERT, 1993, STENZEL, 2005, CAYÓN, 2013, CHACON, 2014). Alguns grupos pertencentes a uma *fratria* são referidos como “irmãos”, tal qual a maior parte dos clãs de um mesmo grupo étnico. Outros, no entanto, são referidos como *pakoma* (e decalques linguísticos relacionados com significado literal de “filhos de mãe”), isto é, primos paralelos maternos. A terminologia de parentesco entre diferentes grupos étnicos numa *fratria* pode corresponder à maneira histórica de como a *fratria* foi formada a partir de relações de casamentos e consanguinidade, mas, em vários casos, nos parece que termos como “irmãos” e “irmãos de mãe” foram cunhados de uma maneira *ad hoc* para localizar novos grupos dentro de uma *fratria* pré-existente. De qualquer modo, na *fratria*, nem língua e nem filiação patrilinear são elementos suficientes para se definir o grupo étnico.

A dinâmica local das relações linguísticas

Em seu modelo canônico, as línguas se apresentam como elementos, aparentemente, reguladores do sistema de exogamia devido à forte associação ideológica na Região, o que reforça o nexó simbólico entre língua e filiação patrilinear. No entanto, como vimos, deslocamentos linguísticos são um caso extremo em que condições locais (por exemplo, alianças entre grupos e a maior força demográfica e política de uma língua sobre a outra) interferem no sistema de exogamia linguística. Isso mostra que língua não é um elemento fundamental para definir a filiação patrilinear e nem para a exogamia⁸.

Por outro lado, quando vemos a noção de exogamia operada pelas *fratrias* e os processos de fusão de clãs, percebemos que filiação patrilinear e língua são elementos insuficientes para explicar os padrões de organização social operantes na exogamia. É aqui que entra um outro componente importante da organização social dos grupos da Região, ainda não discutido até agora: a noção de *aliança local* (CABALZAR, 2000). Segundo Cabalzar, revendo ideias em Århem (1981) e Hugh-Jones (1995), a noção de filiação está em complementariedade com a noção de aliança. A filiação reforça a união dos clãs de um grupo, sua descendência vertical de um ancestral mítico comum, sua identidade linguística, a patrilinearidade, e a exogamia do grupo. A aliança reforça as trocas horizontais entre grupos não agnáticos (isto é, não aparentados como irmãos), estabelece relações com base na reciprocidade, casamento e demais elos de cooperação ritual e socioeconômica entre diferentes grupos exogâmicos geograficamente próximos. Århem (1981) ainda argumenta que esse sistema favorece, em certo sentido amplo, uma lógica endogâmica, dada a regularidade através de gerações das trocas de esposas entre primos cruzados pertencentes a diferentes grupos étnicos exogâmicos, que se localizam ou partilham um território mais abrangente.

Stenzel (2005) e Cabalzar (2013) mostram como os padrões de aliança e casamentos entre grupos aliados influenciam as relações linguísticas para diferentes grupos étnicos. Ambos reforçam que a exogamia linguística existe de maneira mais forte quando os grupos étnicos possuem uma política de casamentos diversificada e quando há multilinguismo a nível local, como é o caso para os Wanano no rio Uaupés e Tuyuka no Tiquié, respectivamente. Quando os padrões de casamentos de um grupo são muito concentrados em trocas com um outro grupo e quando, localmente, não há a presença de outras línguas (seja por deslocamentos linguísticos, seja por ausência de outros grupos

⁸ Foi com base nesse tipo de conclusão, que Christine Hugh-Jones (1979) cunhou o termo *grupo exógamo composto* que associa filiação e exogamia para se referir ao que Sorensen chamava de tribo, deixando à parte qualquer referência à língua como elemento definidor do grupo social.

exogâmicos linguisticamente diferentes em virtude do histórico de ocupação de uma região), a exogamia linguística cede espaço para processos de deslocamentos linguísticos, como é o caso dos Pira-Tapuya no rio Papuri, Desano no Tiquié, Yibá Masã no Pirá-Paraná, entre outros. Assim, em sua forma canônica, a exogamia linguística é dependente do multilinguismo e da estabilidade histórica e política de redes multilaterais entre grupos de alianças locais.

Por outro lado, Gomez-Imbert (1993:252) nos mostra que, no rio Pirá-Paraná, grupos que fazem parte da mesma *fratria* – e, portanto, não se casam entre si – tendem a possuir línguas com menores semelhanças lexicais do que grupos que possuem uma forte aliança de casamentos, os quais tendem a ser mais semelhantes linguisticamente (ver também CHACON, 2013, para os Kubeo). Chacon (2014) reforça a observação de Gomez-Imbert (1993) ao incluir não apenas grupos relacionados numa *fratria*, mas também a questão de proximidade *versus* distância geográfica, e grupos agnáticos (irmãos mitológicos) *versus* grupos que mantêm forte relação de casamentos entre si. Neste estudo, Chacon (2014) demonstra que diversos grupos agnáticos compartilham inovações fonológicas fundamentais no seu passado linguístico, refletindo o fato de terem falado uma mesma língua no passado. No entanto, devido aos padrões de alianças mais recentes, esses grupos passaram a se tornar linguisticamente mais diferenciados, ao passo que suas línguas se tornaram mais semelhantes com as línguas de grupos étnicos com os quais eles travam relações regulares de casamentos. Assim, para as línguas, as alianças locais tendem a tornar as relações linguísticas entre diferentes grupos agnáticos cada vez mais rarefeitas, e as relações linguísticas entre grupos afins, mais intensas.

Tomando como base o universo das línguas que participam do sistema cultural da parte central do Noroeste Amazônico, incluindo línguas Tukáno, Arúak e Nadahup, propomos os seguintes tipos de situações de trocas linguísticas⁹.

- **Grupos agnáticos, línguas bem próximas filogeneticamente¹⁰:** Bará e Tukáno, Wanano e Pira-Tapuya, Yuruti e Tuyuka, Desano e Siriano, de grupos étnicos agnáticos falantes de línguas bem próximas em sua classificação filogenética (cf. CHACON, 2014). Uma vez que estão em sistemas de alianças locais com falantes de outras línguas, essas línguas tendem a diversificar-se.

⁹ Seria logicamente possível propor tipos adicionais com base na relação de “filhos de mãe”, sendo ou línguas bem semelhantes, ou menos semelhantes, filogeneticamente próximas ou distantes. Por falta de dados no momento, deixamos isso para trabalhos futuros.

- **Grupos afins, línguas distantes filogeneticamente:** Tukáno e Desáno, Tuyuka e Makuna, Wanano e Kubeo, entre outros. Isso parece ser a norma, envolvendo a maioria dos casos. Inclui-se aqui trocas com grupos Arúak, como os Baniwa em relação a Kubeo (CHACON, 2013) e Wanano (STENZEL, 2005), os Tariano com diversas línguas Tukáno no Uaupés e Papuri (AIKHENVALD, 2002), os Yukuna com Letuama e Tanimuka no Apaporis (AIKHENVALD, 2002), e os Kabiwarí com os Barasano¹¹.
- **Grupos afins, línguas próximas filogeneticamente:** Barasano e Taiwano, Barasano e Makuna, Tanimuka e Letuama. Uma vez que estão em intensas trocas de casamentos, a língua desses grupos tende a tornar-se, progressivamente, mais semelhante.
- **Grupos afins, subgrupo filogenético distinto:** Tatuyo e Karapana, Bará e Tuyuka. Línguas filogeneticamente próximas, mas de subgrupos distintos, que estão se tornando bastante semelhantes. Filogeneticamente, essas línguas já partem de uma posição em que seriam bem semelhantes, mas as trocas de casamentos entre os grupos reforça ainda mais essa semelhança. No entanto, as inovações fonológicas nos permitem ver que são de subgrupos filogenéticos distintos (CHACON, 2014).

A tendência à homogeneização parece ser sempre regulada pelas trocas linguísticas multilaterais com outras línguas filogeneticamente distantes ou não relacionadas dentro de um sistema de alianças locais diversificado. Ou seja, o que evita a homogeneização progressiva entre duas ou mais línguas é o fato que, na Região, as redes de alianças são abertas e não fechadas em si, algo que reflete a noção de cosmopolitismo entre os grupos da Região pensada por Goldman (1963). Cabalzar (2000) documenta que uma vez que diferentes clãs Tuyuka possuem padrões diferentes de casamentos com outros grupos étnicos, a língua Tuyuka está em contato multilateral com diversas línguas – de modo que ela não se torna semelhante a uma única língua. Quanto mais diversificadas forem as redes de alianças, menor será a tendência à homogeneização linguística, de modo que o multilinguismo, numa maneira circular, se retroalimenta na Região.

¹⁰ Ver introdução para a classificação filogenética das línguas Tukáno.

¹¹ A participação dos grupos Nadahup também é deve ser levado em conta, porém tudo indica que essas línguas são mais influenciadas do que influenciam as línguas Tukáno e Arúak, o que é compreensível uma vez que apenas marginalmente participam das trocas de casamentos com falantes dessas línguas (EPPS *por aparecer*).

Numa escala regional, Aikhenvald (2002) vê isso como o motor de um sistema de trocas linguísticas que, se em equilíbrio, enriquece o sistema gramatical das línguas, ao mesmo tempo em que as torna estruturalmente mais semelhantes. É, pois, um desafio empírico buscar responder como forças de homogeneização e diversificação operam de modo contínuo e descontínuo, desde um nível básico das relações sociais entre grupos de residência, grupos locais, grupos étnicos, *fratrias*, calhas de rios, regiões de transposições de bacias hidrográficas, até o nível regional como um todo.

Conclusão

As línguas possuem um duplo papel na Região. Por um lado, ela é um marcador da filiação patrilinear. Nesse sentido, a língua reforça os elos socioculturais dentro de um grupo étnico, e evidencia a separação com relação a outros grupos. Isso é, sobretudo, um valor simbólico. No entanto, língua não é o único marcador étnico associado à filiação patrilinear, uma vez que um grupo étnico é definido, além da língua, por um conjunto de aspectos culturais, como um ancestral mítico, um conjunto de flautas de ritos ancestrais, um local de nascimento mítico, que constituem fronteiras que estão em relação com outros grupos étnicos com as mesmas características. Se há deslocamentos linguísticos, os outros marcadores étnicos permanecem.

Por outro lado, as línguas são dimensões da vida social e, como tal, possuem um papel importante nas redes de alianças interétnicas. Aqui, em vez de separação, reforça-se o papel das línguas na constituição da fluidez das trocas socioculturais. Falamos em processos de assemelhação entre línguas, convergência estrutural e até deslocamentos linguísticos. Mencionemos ainda Floyd (2013) que documenta o uso generalizado de decalques linguísticos entre várias línguas da Região, notando como certos conceitos culturais são os mesmos semanticamente, mas diferentes, morfológicamente, entre as diferentes línguas.

A exogamia linguística é um corolário prototípico da filiação patrilinear. Já com relação às alianças locais, ela é um epifenômeno, pois depende de certos fatores como multilinguismo a nível local, redes de alianças diversificadas e um certo equilíbrio político entre as relações interétnicas. Na falta de um desses elementos, a exogamia linguística em seu modelo canônico tende a se enfraquecer ou desaparecer. Nesse sentido, ela não chega a ser um princípio regulador, como nos faz crer Aikhenvald (2002), mas, antes, é resultado de um equilíbrio tênue da ecologia linguística na Região.

Ao demarcar identidades étnicas, as línguas assumem um papel secundário, contraditório e descontínuo, na organização da exogamia entre os grupos. Segundo Hill (1996) o sistema de exogamia linguística na Região é uma supervalorização, que inverte a lógica de organização social de grupos Arúak do Noroeste Amazônico. Para os Arúak, a língua é também um marcador de identidade do grupo étnico, porém os casamentos ocorrem dentro do mesmo grupo linguístico através de diferentes *fratrias*. Para os grupos Tukáno, as *fratrias* são, potencialmente, multiétnicas e multilíngues (JACKSON, 1983), de modo que as línguas não demarcam uma unidade para as *fratrias* ou entre *fratrias*, mas, sim, de unidades étnicas abaixo do nível da *fratria*. As línguas, assim, tem uma importância reduzida no estabelecimento do sistema *real* de exogamia. Isso faz com que Hill (1996) interprete que os grupos Tukáno magnificaram o papel simbólico das línguas no sistema de exogamia, de modo a reforçar as fronteiras étnicas entre grupos Tukáno e Arúak.

As descontinuidades do papel das línguas na organização social da Região requerem um entendimento histórico mais profundo sobre constituição dos grupos étnicos no Noroeste Amazônico, sobretudo, as diferenças e inflexões entre os planos ideológicos e sociológicos, entre grupos Tukáno e Arúak, e entre língua, organização social e aspectos culturais. As reflexões apresentadas, neste estudo, contribuem para criar um quadro mais matizado, fluido e perceptível das contradições inerentes ao presente e ao passado histórico da Região.

Referências Bibliográficas

AIKHENVALD, A. **Language Contact in Amazonia**. New York: Oxford University Press. 2002.

ÅRHEM, K. Prefácio. In: **En las aguas de yuruparí: cosmología y chamanismo Makuna**. Bogotá: Ediciones Uniandes. 2002. p. 9-13.

ÅRHEM, K. **Makuna Social Organization. A study in descent, alliance and the formation of corporate groups in the Northwestern Amazon**. Uppsala: Uppsala Studies in Cultural Anthropology 4. 1981.

BRÜZZI A. S. **A Civilização Indígena do Uaupés. Observações antropológicas, etnográficas e sociológicas**. Roma: LAS. 1977.

CABALZAR, A. Organização socioespacial e predomínios linguísticos no rio Tiquié. In: Stenzel, Kristine e Patience Epps (orgs.) **Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interactions in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / Museu do Índio (FUNAI). 2013.

CABALZAR, A. Descendência e aliança no espaço tuyuka: A noção de nexo regional no noroeste amazônico. **Revista de Antropologia**. V. 43 no 1. São Paulo: USP. 2000. p. 403-440.

CAYÓN, L. 2013. **Pienso, luego creo. La teoría makuna del mundo**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia.

CHACON, T. C. Kubeo: Linguistic and cultural interactions in the Upper Rio Negro. In: Stenzel, Kristine e Patience Epps (orgs.) **Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interactions in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / Museu do Índio (FUNAI). 2013. p. 129-162.

CHACON, T. C. A revisited proposal of Proto-Tukanoan consonants and Tukanoan family classification. **International Journal of American Linguists**. V. 80, no. 3. Chicago: UCP. 2014. p. 275-322.

CHERNELA, J. M. The Wanano Indians of the Northwest Amazon: A Sense of Space. Austin: University of Texas Press. 1996.

EPPS, P. Language and subsistence patterns in the Amazonian Vaupés. In: **The Languages of Hunter-gatherers: Global and Historical Perspectives**, ed. por Tom Güldemann, Richard Rhodes, and Patrick McConvell. Cambridge: Cambridge University Press. **a ser publicado**.

EPPS, P. e STENZEL K. Introduction. In: Stenzel, Kristine e Patience Epps (orgs.) **Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interactions in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / Museu do Índio (FUNAI). 2013. p. 13-51.

FLOYD, S. Semantic transparency and cultural calquing in the Northwest Amazon. In: Stenzel, Kristine e Patience Epps (orgs.) **Upper Rio Negro: Cultural and Linguistic Interactions in Northwestern Amazonia**. Rio de Janeiro: Museu Nacional / Museu do Índio (FUNAI). 2013. p. 271-308.

GOLDMAN, I. **The Cubeo: Indians of the Northwest Amazon**. Illinois Studies in Anthropology, 2. Urbana: University of Illinois Press. 1963 (2nd edition, 1979).

GOMEZ-IMBERT, E. Problemas en torno a la comparación de las lenguas tucano-orientales. In: **Estado actual de la clasificación de las lenguas Indígenas de Colombia**, ed. por Maria Luisa Rodríguez de Montes. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo. 1993. p. 235-267.

HILL, J. Ethnogenesis in the Northwest Amazon: An emerging regional picture. In: **History, Power and Identity: Ethnogenesis in the Americas, 1492-1992**, ed. Jonathan D. Hill. Iowa City: University of Iowa Press. 1996. p. 142-60.

Hugh-Jones, C. **From the Milk River: Spatial and temporal process in Northwest Amazonia**. London: Cambridge University Press. 1979.

HUGH-JONES, S. Afterword. In: **Cubeo Hehénewa Religious Thought. Metaphysics of a Northwestern Amazonian People**. New York, Chichester, West Sussex: Columbia University Press. 405-412. 2004.

HUGH-JONES, S. 1995. Inside-out and Back-to-front: The Androgynus House in Northwest Amazonia. In: **About the House**. J. Carsten y S. Hugh-Jones (eds). Cambridge: Cambridge University Press. 226-269.

JACKSON, J. The Fish People. Linguistic exogamy and Tukanoan identity in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

SORENSEN, A. "Multilingualism in the Northwest Amazon". In: **American Anthropologist**. Vol. 69, No. 6 (Dec. 1967). 1967. p. 670-684.

STENZEL, K. Multilingualism: Northwest Amazonia Revisited. In: **II Congress on Indigenous Languages of Latin America CILLA**. Austin: University of Texas. 2005.

Thiago Chacon é doutor em Linguística pela Universidade do Havaí (2012) e professor no curso de letras da Universidade Católica de Brasília. Desde 2006 realiza pesquisa entre falantes de línguas da família Tukáno, sobretudo a língua Kubeo, sobre a qual produziu uma tese de doutorado intitulada "The Phonology and Morphology of kubeo: the documentation, theory and description of an Amazonian language". Atua, principalmente, nas áreas de descrição e documentação de línguas indígenas, linguística histórica, fonética e fonologia e sociolinguística. Foi consultor do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) de 2012 a 2014 e realizou pós-doutorado na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara entre 2012 e 2013. (thiago_chacon@hotmail.com)

Luis Cayón é doutor em Antropologia Social (Universidade de Brasília, 2010) e Professor Adjunto do Departamento de Antropologia da mesma universidade. Desde 1995 realiza pesquisas entre os Makuna, um grupo Tukáno oriental, da Amazônia colombiana, trabalhando principalmente os temas: xamanismo, cosmologia, relações sociedade-natureza e formação da pessoa. Além de vários artigos publicados em livros e periódicos científicos, é autor dos livros *En las aguas de yurupari. Cosmología y chamanismo Makuna* (Ediciones Uniandes, Bogotá, 2002), *Etnografía Makuna. Tradiciones, relatos y saberes de la Gente de Agua* (em co-autoria com Kaj Arhem, Gladys Angulo e Maximiliano García, Gotteborg University/Instituto Colombiano de Antropología e Historia (ICANH), Bogotá, 2004) e *Pienso, luego creo. La teoría makuna del mundo* (Instituto Colombiano de Antropología e Historia (ICANH), Bogotá, 2013). (luiscayon@hotmail.com)